

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORA: PROF^a LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO

PROF^a MARIA ELIZA LINHARES BORGES

ENTREVISTADO: CHRISTOVAM MOURÃO

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 06/11/1990

Entrevista - fita 3- lado A

EB: Aí o Joaquim levou para casa.

CM: Mandaram me chamar, dizendo que o doutor Francisco queria entrar na fazenda do [filho dele]. Não queria entrar à toa não. Eu cheguei lá, o companheiro que estava tomando conta da entrada, falei: o que está havendo? Ele falou: não vai dar para o senhor entrar aqui hoje não. Ele falou: por quê? Você está me proibindo de entrar na propriedade do meu filho? Eu falei: hoje, o senhor está proibido. Amanhã, mais tarde, o senhor pode entrar, mas hoje não. Quis me ganhar ele na conversa, mas não, não vai ter jeito. Eu não queria fazer isso não, mas eu vou procurar a polícia. Se o senhor viesse um pouquinho mais cedo o senhor encontrava o delegado aí, mas é um direito que o senhor tem. Só que hoje o senhor não entra. E o companheiro que estava lá não estava muito satisfeito não. Ele estava com medo. Perguntou para mim: isso é direito? É lógico. Você podia ter dispensado ele daqui. Não, mas ele pediu para te chamar. Tá bom, tá certo.

EB: E em 64, em que ponto estava a situação lá, quando veio o golpe mesmo, de 64?

CM: Eu acho que não tinha nem 5% pagando o arrendo, que não eram sindicalizados, aquele pessoal mais chegado, nascido em fazenda, propriedade do senhor feudal mesmo. O negócio não estava bom para eles não. Estavam ganhando o negócio de graça, sem trabalhar. Perderam aquilo, não estava bom não. Pium-í estava exportando arroz para o Triângulo Mineiro. Isso foi noticiado nos jornais. Pium-í, que não produzia nada, com aquele negócio lá, pequeno, pequeno proprietário não, com posseiro, mas estava exportando arroz de primeira para o Triângulo. Aí acabou tudo.

EB: Com relação ao sindicato, como ficou a situação deles já com o golpe de 64?

CM: O Sindicato, fomos obrigados a abandonar.

EB: Vocês tiveram que sair correndo da cidade, de um dia para a noite, por exemplo, assim, ou foi um processo mais devagar?

CM: Não, foi mais devagar. Eu não lembro se foi numa segunda-feira, disseram: você não está notando que tem gente estranha aí não? Eu disse: não. Eu dei uma volta na praça lá e notei que tinha gente estranha mesmo. Aí, no dia seguinte, tinha um movimento, mas só de elementos civis.

EB: De gente da cidade?

CM: Não, de fora.

EB: E o senhor acredita que essas pessoas que chegaram lá como?

CM: Eram policiais, não é? Eram policiais [...]. Quando nós achamos que ia quebrar mesmo, eu falei com o Sérgio: o negócio é cair fora. Aí ele foi para um lado, eu fui para o outro. Aí a polícia chegou, o exército, lá eles nunca viram nem um soldado do exército, viram lá um batalhão do exército na cidade, a turma apavorou. Eles foram ao sindicato e nos roubaram tudo. É roubo. Tinha lá uma pequena biblioteca e eles levaram falando que era material subversivo. Tenha paciência. Tinha uma coleção lá, um ABC do Lavrador, meu, comprei com meu dinheiro, doei para o Sindicato, certo?, roubaram tudo. Depois perguntaram: como é, você vai querer reaver? Não, não quero conversa mais não. Não tem condição para diálogo.

EB: E o senhor foi para onde?

CM: Eu fiquei ali nas cercanias noventa dias. Tinha umas terras lá, em Pimenta. Então eu fiquei ali. Depois o negócio maneirou um pouquinho.

EB: Alguém sabia que o senhor estava lá?

CM: Não, não sabia.

EB: Não.

CM: Eu escutei no rádio que o Castelo Branco falou que aqueles que estivessem implicados no caso, se quisesse legalizar a situação e tal. Aí eu fiz um exame de consciência e falei: o diabo é o seguinte: eles matam primeiro para depois perguntar. E era verdade. Eu estava já cansado, eu estava comendo amendoim no campo, amendoim, o ramo, não é aquela vaginha não, agente arranca aquilo, come a raiz, só para alimentar mesmo, não tem gosto de nada não. Noventa dias comendo aquele troço lá não é mole não. Então fui chegando devagarzinho. Cheguei, pedi para esse meu cunhado, que era da UDN, falei: pede para o delegado lá o salvo conduto que eu vou para Belo Horizonte. Ele foi, voltou, falou: o delegado falou que não precisa. Não estou perguntando se precisa, eu sou cidadão, eu não fui condenado não. Eu quero, estou exigindo o salvo contudo. Ele trouxe, eu vim, quando chegou em Betim, parou o ônibus, o camarada [.....], todo mundo com documento na mão. Aí atrapalhou tudo. Chegou, pegou o meu e falou: tenha a bondade, desce comigo. Falei: gente, não deixa o ônibus ir embora não que eu não tenho dinheiro e preciso chegar lá. Aí tinha um oficial lá, conversando comigo, disse: escuta, mas o senhor está procurado. Eu disse: mas se eu tivesse escondendo, se tivesse fugindo, eu não ia entrar na toca do lobo não. Lá onde eu estava eu estava bem. Eu quero legalizar minha situação, eu quero chegar. Consegui convencer ele, ele foi e me liberou. No dia seguinte fui ao CPOR...

EB: Mas o senhor tinha o salvo conduto e mesmo assim...

CM: Mesmo, não, aquilo não valia nada não. Mas eu achei que valia.

EB: E como o senhor acha que eles chegaram lá, noventa dias depois, já teriam o nome mesmo de todo mundo?

CM: Já. Num dos depoimentos que eu respondi, foi o general, acho que é Moacir, um velho, tem setenta e tantos anos. Moacir Meneses. Acho que é. Me inquirindo lá, ele perguntou se eu conhecia o padre Lage. Eu falei que conhecia. O senhor é amigo dele? A gente tinha que pensar para responder. Excelência, eu costumo dizer que aquele que não é meu inimigo é meu amigo, eu não tenho nada contra o padre Lage. O senhor mantinha correspondência com ele? E estava cheio de carta na mão. Eu não podia mentir. Ele me

deu condição de ver. Aí ele leu a carta e pedindo para ele apressar a carta do sindicato e tal para evitar o derramamento do precioso sangue, o líquido vermelho dos nossos irmãos. Nós estávamos com 40 homens em área e tal. Ele leu para mim e disse: o senhor que escreveu isso? Aí eu ainda gozei o cara: o senhor quer ter a bondade de ver se está assinada? Assinado aqui. Então eu não posso negar, escrevi sim. O que está escrito aqui é verdade? Eu falei: o negócio é o seguinte, o padre é religioso, está mexendo com o sentimento do Deus dele lá. Ah, então só tinha valor moral? Perfeitamente. Ele dobrou [.....].

EB: Voltando a Betim, como que fica? O ônibus pára...

CM: Depois que eu consegui conversar com o camarada lá, ele me liberou. Eu fui.

EB: Chegou em Belo Horizonte?

CM: Cheguei em Belo Horizonte. Fui, no dia seguinte, procurei o CPOR, já estava inscrito para prestar depoimento.

EB: E aí o senhor presta depoimento e não chegou a ser preso.

CM: Não fui preso, não. Mas respondi quatro depoimentos. Um sobre o Partido, sobre o sindicato, sobre o movimento do pântano [.....].

EB: E em seguida o senhor entra em contato com o Partido, em Belo Horizonte?

CM: Não. Desde que eu peguei o contato com eles, quando eu estava mexendo no Pium-í, eu nunca perdi o contato.

EB: Não, mas depois, quando há o golpe e o senhor responde esses inquéritos aqui em Belo Horizonte, em seguida o senhor procurou o Partido para ver o que o senhor faria, para ter uma orientação?

CM: Procurei. Era mais difícil porque estava todo mundo disperso. Então tinha que ter muito cuidado.

EB: Cada um estava agindo por si mesmo.

CM: É. Estava difícil. Não tinha dinheiro, não tinha uma organização de acordo. Não é salve-se quem puder, não, quem podia dava a mão para outro, mas era mais difícil. Nós tínhamos um companheiro, que era o Alquimim. Esse Alquimim era sobrinho do Zé Maria Alquimim. Ele era do Partido. Ele era advogado. Então eu estive na casa dele:

estou sendo procurado. Ele disse: você quer ficar aqui em casa? Eu disse: não, eu não preciso não. Fica quieto aí.

EB: E depois o senhor volta a Pium-í quando?

CM: Não, eu voltei, depois disso eu voltei. Sai de lá em 68.

EB: E a convivência do senhor lá é uma convivência tranquila, nesse período que o senhor volta? Até 68? Como ficou? Voltou para o pântano?

CM: Tranquila. Continuei no pântano. Em 68, eu estava sem jeito de trabalhar politicamente, entende? Então me ofereceram, me ofereceram um tipo assim, me deram uma tarefa, uma oferta, você vai fazer curso lá e tal. E depois que eu voltei não tinha condições [.....] nem aqui nem lá. 68, 70, eu voltei lá foi 74.

EB: O senhor ficou na União Soviética até 74?

CM: Não. Fiquei dois anos lá.

EB: Só dois anos. Até 70?

CM: Até 70. 68 e 69.

EB: E aí o senhor volta e fica aonde?

CM: Aqui mesmo.

EB: Aqui em Belo Horizonte mesmo. E o que o senhor fica fazendo aqui?

CM: Andando. Trabalhando em política, não é? Fiquei guardado numa fazenda. Essa fazenda é de um parente meu, reacionário, extremo, é o caseiro lá que me guardou. O caseiro era simpatizante do partido. Fiquei uma temporada lá, até que eu arrumei uma casa aqui no Caiçara. Aí eu trouxe minha família. Fiquei até 72. Em 72 fui para Itaúna.

EB: E o senhor vivia de que?

CM: Aqui? Do Partido.

EB: De ajudar o Partido. E como é que era viver no Partido nesses anos da ditadura?

CM: Era difícil. E o que nós tínhamos aí, nem mensalidade, como que o camarada pode pagar mensalidade? Não pode, não tinha condição. Não pode, vivia, eram os amigos do Partido que financiavam. Tinha, tinha gente grande.

EB: E qual o tipo de trabalho que o senhor fazia?

CM: Trabalho político. Eu era responsável pela Cidade Industrial, comunicação com aquelas bases de lá, na Mannesmann, na Belgo.

[- O senhor participou daquela greve em 68?]

EB: Não, em 68, ele estava na União Soviética.

CM: Não. De lá eu vi.

EB: Aí é uma curiosidade muito minha: como é que chegam as notícias na União Soviética, por exemplo, das greves aqui. A própria imagem aqui, que existe lá fora, do Partido Comunista? Qual é a imagem que se tem lá, como as pessoas enxergam o Partido?

CM: Eu não sei porque a gente tinha contato só com os professores mesmo. Não falava a língua deles, então os professores que falavam português, tinha [.....], como que chama, tradutor, então o contato que a gente tinha com eles era só esse.

EB: Mas lá o senhor tinha contato com pessoas do Partido Comunista de vários outros países?

CM: Tinha.

EB: Isso que eu estou perguntando: como que pessoas de outros países viam, perguntavam, como era?

CM: Eu fico pensando que o nosso Partido, o Partido Comunista Brasileiro, era respeitado lá fora. Eu fiquei pensando como era a organização deles. Porque o nosso Partido está arrebitado do jeito que está, e o deles então, como que não seria? (Risos) Até teve um colombiano, até no nosso meio, comunista também, tinha um camarada lá fazendo um trabalho, trabalho do Partido no Programa Rural. Esse cara era do Partido, era filho de um latifundiário do governo, e era do Partido. A família toda do Partido. E o sujeito estava lá há três anos e ia ficar 5 anos para fazer esse trabalho. Um dia, numa, numa conferência, lá na escola mesmo, então surge lá uma encrenca dele, com um companheiro colombiano. O colombiano foi fazer uma intervenção lá e falou que a Colômbia era o maior país da América do Sul, e o rapaz levantou lá, [...], levantou e brigou mesmo. Quase foi às vias de fato. Que ele não conhecia geografia, que nunca tinha ouvido falar do Brasil, que o Brasil era muito maior do que todo o resto na América.

EB: Como que era viver na União Soviética?

CM: Era bom demais. Tirando o frio, tirando o inverno, é bom demais.

EB: O senhor estava na [.....]?

CM: Não, estava no instituto marxista leninista.

EB: E lá como que era? Ficava num alojamento? As pessoas das várias delegações?

CM: Nós tínhamos um alojamento...//

EB: //O senhor foi com a família?//

CM: Fui só.

EB: Foi só.

CM: Lá tinha delegação de quase todo o mundo. Eu não sei porque tinha a delegação do Partido Comunista Americano, mas ele não ficava no alojamento com o resto da América. Tinha martinica, paraguaio, todo mundo. Mas americano não ficava. E os canadenses ficavam ali com a gente. E os americanos não ficavam. Por que eu não compreendia. Cheguei a perguntar, mas eles não explicaram também não. Será que até os comunistas americanos são iguais?

EB: Diferentes? (Risos)

EB: E o Prestes, como que ele era visto lá?

CM: O Prestes era respeitado. Ainda é. Tinha a delegação da Bolívia, do Peru, que o cara era índio, camponês, índio lá é camponês. E ele me contando que ele conheceu... que ele entrou para o Partido por intermédio do livro que chama Cavaleiro da Esperança. É interessante. Então ele contando que não era só ele não. A maioria dos comunistas da Bolívia, do Peru, foi por causa do livro do Jorge Amado. Eles tinham o Prestes como figura suprema, quase um mito. O Prestes era sectário demais. No tempo que eu tive lá ele foi lá umas quatro vezes. Ele ia visitar, tinha uma sala, chegava, a gente era comunicado, ia para lá, cumprimentava, cada um cumprimentava, falava do Estado que era. Nós tínhamos um companheiro, esse companheiro era muito especial [...]. Chegou, cumprimentou o Prestes, foi entrando, o Prestes falou: de onde? Ele falou: missão secreta. E era missão secreta mesmo, ninguém abria a boca dele não.

EB: Como que era ser comunista no Brasil e depois chegar na União Soviética? Como o senhor sentia isso aí? O que representava para o senhor ser comunista num país onde o Partido está sendo perseguido, vivendo a maior parte do tempo na clandestinidade, e, de

repente, o senhor vai na União Soviética, vai ver uma experiência diferente de sociedade? Como que isso bate, naquela época?

CM: Eu não sei. Eu não sei o que eu sentia. É claro, eu sentia bem, mas não sei explicar o que eu sentia. O negócio era bem diferente. Aqui a gente não podia andar, tinha que olhar para os lados. Lá não, você tinha liberdade. É bem diferente, não é? Bem diferente.

EB: Ao chegar nessa sociedade diferente, e vendo o Partido ser desmantelado aqui pela Repressão, o que representava isso para o senhor? O senhor, houve um momento assim, que o senhor perdeu as esperanças enquanto militante do Partido? Seriam momentos difíceis para o senhor? O senhor chega a perder a esperança ou o senhor sempre foi uma pessoa muito convicta e de força interna?

CM: Eu acho que eu nunca cheguei a perder a esperança, nem agora, atualmente, eu não perdi a esperança. Mas, é claro, a gente sente. A gente sente demais. Quando eles mataram o Marighela, por exemplo, é um choque que a gente leva, não é? A gente está sabendo que a gente pode passar por aquilo a qualquer momento. Faz uns quatro anos, ele não tinha mais nada para essa repressão ferrenha contra os comunistas, eles mataram um companheiro. Ele era editor do jornal Terra Livre. Você conheceu Terra Livre?

EB: Conheci o jornal, cheguei a ver.

CM: Nestor Vera. O Nestor Vera era do comitê central. Eles mataram ele aqui no Paraná pelas costas. Gente, estupidez danada. A gente sente, é claro.

EB: E o senhor chegou a ter contato com Lindolfo Silva, que escrevia também no Terra Livre?

CM: Tive, tive sim. O Lindolfo foi, o que ele foi da FETAEMG?

EB: Não sei. Eu sei que cheguei a conhecê-lo através do jornal. Ele tinha uma coluna sobre o sindicalismo rural no Terra Livre. Ele que escrevia.

CM: Não, foi da CONTAG, não foi FETAEMG não, foi CONTAG.

EB: Na CONTAG o senhor chegou a conhecê-lo?

CM: Conheci.

EB: E o jornal Terra Livre chegou a Pium-í ou não.

CM: Chegava sempre.

EB: E as pessoas liam esse jornal lá?

CM: Liam, liam.

EB: E quem lia esse jornal lá?

CM: Só o nosso povo. Só eu, o Sérgio e o pessoal do Sindicato. Fazia questão de levar para o Sindicato. O Novos Rumos ia para o Sindicato. Quer dizer, era proibido, mas a gente não podia ficar escondendo não, tinha que ser mais um pouquinho agressivo.

EB: É, tinha que veicular. Seu Christovam, agora vamos pegar um pedacinho da história da FETAEMG, que o senhor participa da criação da FETAEMG. O senhor lembra que ano que foi? A CONTAG foi criada em 63. E a FETAEMG também? A CONTAG foi criada em dezembro?

CM: A CONTAG foi criada depois da FETAEMG. Foi em 63 as duas.

EB: As duas. E o senhor se lembra, eu sei de um trabalhador rural da região do Vale do Rio Doce, uma vez, me dando uma entrevista, me conta de uma grande reunião que teve de presidentes de sindicatos, diretorias de sindicatos rurais, aqui em Belo Horizonte, foi antes da formação da CONTAG. E ele não se lembrava exatamente se era aí o momento da formação da FETAEMG, mas ele fala que foi uma reunião onde eles ficaram hospedados no DI aqui, e que tinha camponeses de Minas Gerais inteiro. O senhor lembra se é essa reunião da formação da FETAEMG?

CM: Da formação da FETAEMG.

EB: Como foi isso aí? Como ela foi criada?

CM: Foi criada como é criada qualquer associação. Foi por intermédio do padre Lage. O padre Lage que manipulou tudo. Ele que arrumou alojamento para todo mundo.

EB: E com o senhor vieram outras pessoas?

CM: De Pium-í?

EB: É.

CM: Veio uma delegação. Nós viemos em quatro para cá.

EB: E os outros não eram do Partido.

CM: Não eram do Partido.

EB: Os outros eram da diretoria?

CM: Da diretoria. Tinha o [.....], não sei o nome dele. Tinha..., estou enxergando os três, mas não me lembro.

EB: E como era o processo da escolha das pessoas que iam compor, por exemplo, a diretoria da FETAEMG. Uma história que nós não temos é essa.

CM: O negócio que eu te falei foi isso. A gente não conhecia. Para conhecer a gente precisava de mais tempo de reunir, conversar, discutir. Não dava tempo para fazer. E tinham pressa da FETAEMG.

EB: Por que tinha pressa?

CM: Porque o negócio estava pegando fogo, era no Brasil, era geral. Então, quem conhecia era o padre Lage. Então foi ele que me apresentava o pessoal. Esse aqui é fulano, esse aqui é de [.....]. Então a gente ficava conhecendo superficialmente. E, pelo jeito, já tinha preparado, já estava pronto o negócio, onde eu te falei, queria, me apresentaram como presidente da FETAEMG, eu falei que não podia. E não podia mesmo, não podia abandonar o problema de Pium-í. Então eu saí como segundo secretário da primeira diretoria. Ele me falou: não pensa você que estou te escolhendo porque não te conheço, eu te conheço, que te conheço lá do jornal Novos Rumos. E eu sei que você é PC, por isso estou te escolhendo.

EB: E havia um jogo de forças, [...], por exemplo, o número de pessoas do PC, um número de pessoas das outras organizações?

R- Havia. AP. A POLOP: esta estava em todas. PC do B. Não, PC do B até que participou muito pouco. Mas a POLOP e a AP estavam mais na frente.

EB: E como eram as relações dessas organizações entre elas mesmo?

CM: Não sei.

EB: O senhor chegou a participar?

CM: Não, não, entre elas eu não participei não.

EB: Quando o senhor fala que a coisa já estava mais ou menos pronta, que o padre Lage tinha indicado o nome do senhor porque sabia que o senhor era do Partido, havia então uma cúpula que já teria discutido essa porcentagem de membros para compor a diretoria da FETAEMG?

CM: Eu não posso provar que existia essa cúpula, mas, pela lógica, pela experiência, a gente via que tinha, já estava pronta. Então foi uma briga muito grande. O pessoal da AP, o padre Lage tinha ojeriza do pessoal da AP, não sei por que, devia ter motivo, não é? E tinha uns elementos lá que ele falava, esse da AP, mas é um sujeito bom, confiável e tal.

EB: E o senhor acha que ele forçou um pouco a situação para haver um predomínio de elementos do Partido Comunista em relação às outras associações?

CM: Sem dúvida nenhuma. Isso aí ficou muito claro para todo mundo.

EB: E as outras organizações, como elas reagiam a isso aí? Havia choques internos?

CM: Havia sim. Tinha briga, tinha discussão feia.

EB: O senhor lembra de ter ouvido alguma dessas discussões, só para a gente ter um pouco o clima da época, o clima da relação dos partidos, das organizações, só para a gente reviver um pouco esse clima.

CM: Mas eu contar, fielmente, o que eu vi, não posso contar, não tenho mais condição.

EB: Essa lembrança foge.

CM: Já fugiu. Não é que eu estou escondendo nada.

EB: Sim, claro.

CM: Mas tinha discussão ferrenha, briga mesmo.

EB: O senhor conseguia perceber essas discussões, porque o senhor era um militante do Partido já há muitos anos. Agora, os trabalhadores rurais, que estavam vindo pela primeira vez e se encontrando pela primeira vez com outros trabalhadores do Estado de Minas e tudo, como eles se localizavam aí? Havia uma diferença?

CM: Eles eram manobrados. Eu tenho uma lembrança da delegação de Poté. Eles vieram em seis. Eles estavam conversando com o Padre Lage, a gente chegou, uns rapazinhos novos, falou: benção, padre. Falou: Deus te abençoe. De onde vocês são? Somos de Poté. Nosso padre de lá é muito bom, porque tal e coisa. Ele falou: meu filho, você é de Poté. O padre de lá não é bom só porque ele é padre não, porque o padre de lá não presta não, meu filho. O padre de lá é fulano de tal, não é? É. Então, aquele camarada lá está a serviço do latifúndio. Não lembro também o nome do padre. Os rapazes ficaram chocados. Naturalmente gostavam do padre, ficaram chocados. Então, você via que era manipulado. A maioria da turma era manipulada.

EB: Agora, toda aquela divisão que houve no congresso de 61, entre a questão das Ligas Camponesas e da luta, em primeiro lugar, pelo Sindicato, isso ainda perdura na criação da FETAEMG? O senhor chega a perceber, por exemplo, que havia pessoas ou trabalhadores rurais, camponeses que achavam que a forma de lutar não seria pelos sindicatos, não teria uma luta mais direta pela reforma agrária, como fazia, por exemplo, as Ligas Camponesas, mais no nordeste?

CM: Eu não cheguei a ver esse problema, não. Nós não participamos de liga. Então a gente via no jornal, a gente via e tal, mas não participei.

EB: Eu digo mais entre os trabalhadores rurais mesmo. O senhor sentia, que motivação eles tinham para a criação de uma federação?

CM: Eles não tinha nada. Como até hoje não têm. O camarada entrava num sindicato ou numa associação qualquer, ele estava querendo assistência, é só. Ele não quer saber se o patrão vai pagar bem, se o patrão vai..., eles não estão ligando para isso não. Eles estão ligando para receber assistência médica, dentária, etc, que não tem. Certo? Não tem mesmo. O nosso sindicato em Pium-í, atualmente, é presidido por um fazendeiro: Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O tesoureiro é um comerciante, mercenário. Já tentei fazer de tudo para derrubar a diretoria, não consegui. Até agora não. Nós estamos tentando.

EB: Mas mesmo naquela época, onde o clima do país era outro e que favorecia todo um discurso em torno da Reforma Agrária, e parecia que a Reforma Agrária estava para acontecer, ou pelo menos o João Goulart chega a fazer um projeto de Reforma Agrária (...)

FIM DO LADO A DA FITA 3

Entrevista - fita 3- lado B

EB: ... nas terras acima de 500 alqueires, nas beiras de rodovias e ferrovias, então, quase com a iminência de pelo menos uma Reforma Agrária mesmo tímida, acontecendo, o senhor acha que mesmo naquela época os trabalhadores rurais assalariados e os camponeses procuravam... (corte na gravação).

CM: ... eles não pensam, eles têm confiança nas pessoas, que a pessoa vai liberar, aquela coisa, eles vão. Eu tive a experiência comigo em Pium-í. Tinha lá alguns, eu vou citar dois. O Joaquim da [.....] é garimpeiro, nego forte, analfabeto de pai e mãe, se eu mandasse ele matar uma pessoa, ele ia.

EB: Mas o senhor diria que essa era a norma entre a maioria?

CM: Geral, norma geral. Tinha uns que tinha mais medo, outros menos medo, mas fala assim: faz um negócio aí. Não, se você falou, a gente faz. É um absurdo, se a gente quiser aproveitar um negócio desses, faz besteira. Faz mesmo.

EB: E naquela época eles achavam a vida do sindicato não chegou a desenvolver nenhuma forma de assistência médica, dentária?

CM: Não, não deu tempo não.

EB: E o senhor acredita que eles tenham permanecido no sindicato, apenas na esperança de conseguir isso aí?

CM: É. Assistência somente. E discuto lá com alguns elementos, ele fala: não, eu saí, não pago mais sindicato. Por quê? Eu procurei um médico, o médico não quis me atender. Gente, mas você tem direito ao médico? Tenho. Então fica no sindicato para você brigar por isso. Você estando fora do sindicato você não tem força, você não pode brigar. Não, mas de fora. Eu falei: o que eu posso fazer? Eu estou de fora, não posso ser sindicalizado, porque eu não sou trabalhador rural. Eu não posso fazer nada. Aqui de fora estou pelejando com vocês, vocês não querem. Então é só por assistência.

EB: Mesmo naquela época, do pântano, a terra no pântano importava menos que a assistência para eles?

CM: Aí não. Aí eles queriam um pedacinho de terra.

EB: É um pouco isso que eu estou querendo ver. Na época. [.....] de ter por exemplo, a posse da terra.

CM: Eles não sabiam o que era sindicato, não sabiam o que era uma associação, não sabiam nada. Falava: vamos fazer isso? Concordavam, vamos. Para que que é? Para partir a terra?

EB: O que que o senhor dizia que era sindicato para eles?

CM: Explicava como eu sabia, como eu achava que sabia.

EB: Pois é, como?

CM: É um órgão de defesa da classe. Então defendia em que ponto, do ponto dentro..., dentro do possível.

EB: E depois a formação da CONTAG, as reuniões eram onde, as que o senhor participou?

CM: Da CONTAG?

EB: É.

CM: Eu só compareci lá na... só uma. E essa eu não sei onde é. Acho que foi num clube emprestado.

EB: Aqui em Belo Horizonte?

CM: Da CONTAG? Não, foi no Rio. Acho que foi num clube sim, foi emprestado.

EB: E o senhor foi para lá como representante da FETAEMG?

CM: Fui. Representante da FETAEMG.

EB: Quer dizer que, nesse período, o senhor saía algumas vezes de Pium-í para participar dessas reuniões, mais a nível estadual e nacional também.

CM: Saía, saía.

EB: E quando o senhor coloca para mim aquela cartinha que o senhor me respondeu, dizendo que diretamente o Partido que mais participou, cuja força política maior, foi o Partido Comunista, era via a [.....]?

CM: Sim, sem dúvida. O Partido mesmo estava por trás. Não aparecia. E nem podia, porque do jeito que era a turma não aceitava. Eu vinha a Belo Horizonte, eu voltava, tinha o carro da Supra, no dia seguinte eles balançavam [.....] e descobriu o nome do motorista, comunista da Supra, o camarada era grande comunista. Então era um profissional, precisava ganhar o pão dele. Então, se o Partido entrasse estava atrapalhado.

EB: A Supra era vista como um órgão comunista?

CM: Era.

EB: E como era vista a figura do Jango?

CM: Comunista. Claro, pois ele foi aprender lá na [China]. Vocês são do interior?

EB: Eu sou da região perto de Cataguases.

CM: Ali o pessoal é mais ameno. Mas lá na minha região [.....].

EB: Você é de onde, Rosângela?

R: Eu sou daqui de Ouro Preto.

EB: E os entre trabalhadores rurais, como que era a figura do Jango?

CM: Eles me perguntavam: Escuta, é verdade que o Jango é comunista? Eu falava: Não gente, se fosse era muito melhor, o negócio é que ele não é comunista, por isso é que está atrasando isso tudo aí. É uma burocracia tremenda. É claro que eu tinha que fazer... vender meu peixe. Eles aceitavam, aceitavam bem. Eles falavam: Porque comunista come criança, comunista é bandido, eu não entendo, o senhor não é bandido. Eu falava: Gente, bandido são eles. E eu mostrava por a mais b que era mesmo. Nós tivemos lá um meirinho, oficial de justiça, ele era jagunço do tio desse companheiro que gostava de mim, que eu plantava e falava que era [.....] dele. Esse meirinho, ele roubou 2 sacos de arroz de um companheiro nosso. Esse companheiro não era pobre, era paupérrimo, ele não plantou mais porque ele não tinha condições. Ele plantou um copinho desse de semente de arroz, colheu 2 sacos, em casa. A mãe dele era pedinte, ele tinha um irmão que era debilóide. Ele levou os 2 sacos de arroz para casa. Chegou lá, à noite eu fui procurado lá, porque esse meirinho, foi lá com o jipe dele, uma caminhonete, arrombou a janela e roubou os 2 sacos de arroz, jogou na caminhonete e levou para a casa do tio. Procurei o delegado, o delegado falou assim: Você tem que morrer o assunto. Eu falei: Dr., mas isso aqui é roubo. Mas você está fazendo a denúncia? Eu falei: É claro que

estou fazendo a denúncia. Mas ele não pode fazer isso. Eu falei: Mas fez. Fez e eu vou provar que fez, estou provando que fez. Ele falou: Eu não posso mexer. Procurei o juiz, a mesma coisa. Esse rapaz chamava Lazinho. Eu falei: Lazinho, você não vai perder o arroz, não. Ele falou: Não, o que puder fazer para mim. E eu falei: Não, você não vai perder não. Aí, eu fui movimentar e não arrumei aonde pegar, a justiça não queria mexer. A polícia a mesma coisa. E roubo tem que ir direto na polícia, não é? Cheguei para o Lazinho e falei: pega 2 sacos de arroz lá em casa e leva para você. Ele falou: Não quero, eu quero o meu. Eu falei: Rapaz, mas você precisa de comer. Não, não quero. Então eu peguei uma carroça, botei 3 sacos de arroz e botei, levei lá para casa dele. Quer dizer que a minha dívida com ele estava saldada. Eu falei: Agora, como que eu vou fazer com esse cara. Aí assustei ele um dia lá, botei fogo na caminhonete do homem. E eu tive tanta falta de sorte, foi uma 5^a feira Santa, e eu não lembrei disso. Peguei 3 litros de gasolina e joguei no carro dele, os ferros torceu tudo. 5^a Feira Santa, na 6^a Feira eu encontrei com o Orlando, esse que você falou do cartório, ele falou: Christovam, o que que você andou fazendo? Eu falei: nada. Ele falou: O doutor vai mandar um convite para você. Eu falei: uai, tudo bem. Você não botou fogo no carro do [.....]? Eu falei: Não. Pegou fogo. Eu falei: Isso é bom demais, isso é muito bom. 2^a feira chegou um convite para mim. Eu cheguei lá, o Dr. delegado falou: Christovam por que que você pôs fogo no carro do [.....]. Eu: Espera aí doutor, o Sr. não está me inquirindo não, o Sr. está me acusando. Ele falou: É claro, eu sei que foi você. Eu falei: Então, pode providenciar o que o Sr. quiser, sou eu, acabou. Não, mas eu quero saber porque que você pôs fogo. Eu falei: Mas eu não pus. Só estava nós dois na sala, ele falou: Christovam, eu não sou nenhum trouxa, eu sou policial, nós estamos na Semana Santa, 5^a Feira para 6^a, só tem dois ateus em Pium-í, é o Sérgio Firmino e você. Quem ia fazer isso aí? O Sérgio não tem condição, ele não tem condição física. Mas doutor, o Sr. não acha que a pessoa que fez isso lembrou do dia para me culpar não? Ele falou: É uma saída que você tem. Eu falei: gente, eu não fiz nada. Ele falou: Você achou bom? Eu disse: É claro que eu achei bom, eu não gosto dele, todo mundo sabe que eu não gosto dele. Agora, o Sr. me aponta qual é a pessoa que gosta do [.....]. Ele falou: É, de fato não tem. Nem eu. O delegado falou assim. Ele estava fazendo o papel dele e ficou encoberto. Passa dois anos, um companheiro do sindicato recebeu desse doutor [.....] da Silva, advogado deles, recebeu 200.000 cruzeiros para acusar o padre, que o padre que deu a gasolina para queimar o carro. Dois anos depois.

Quando eu soube disso, fui lá na delegacia, até o rapaz estava lá e falou: O que é que o Sr. vai fazer? Eu falei: Não é da sua conta. Não era mais meu amigo não. Ele disse: Você olha o que que você vai fazer, porque nós vamos atrapalhar. Minha menina era recém nascida - sua menina pode ficar órfã. Eu falei: Zé, de agora em diante você vê do jeito que você passa perto de mim, porque eu vou fazer força para minha menina não ficar sem pai não. Subi na delegacia, o rapaz foi atrás. Chamei o sargento, 1^o sargento e falei: Sargento, está acontecendo isso, isso e isso. Eu vim aqui para confessar um crime que eu fiz há dois anos atrás. Mas Seu Christovam, dois anos que foi feito isso? Foi. E por que que isso veio à tona agora? Se estava escondido, para que que veio? Eu falei: Bom, o Sr. pergunta para o moço aí, não foi ele que veio aqui denunciar o padre? Foi.

EB: E era o mesmo vigário da época?

CM: Era o mesmo. Então ele falou: Mas você não sabe por que? Eu falei: Não, eu não sei não, acabou. Aí eu procurei o padre, porque tinha um trato com o padre, tinha uma oligarquia que era uma desgraça na nossa cidade. Tinha duas famílias, uma era a [.....], os Machado. Tinha Machado e Leite, certo? E o outro era a do Leite. Eram os dois que mandavam na cidade. Eu falei: Padre, nós vamos acabar com esse negócio aqui, o Sr. vai dar uma mão. E ele topou a parada. Vamos botar gente nova aqui dentro, e tal e o 1^o que foi para a prefeitura era um parente meu, era o [.....]. Então nós estávamos movimentando aquele negócio, para derrubar essa oligarquia.

EB: E isso quando? Antes da....

CM: Em 65.

EB: Depois, então.

CM: Foi em 65. Então o padre estava mexendo lá em Formiga, eu cheguei ele estava saindo, eu falei: Padre, aconteceu isso, isso, assim assado. Eu fui lá na delegacia agora, ele mudou de cor. Ele falou: Não senhor, eu vou lá. Por que, você confessou, foi você quem queimou o carro? Eu falei: Foi. Nós tinha muita amizade, eu ia na casa dele sempre. Ele falou: Mas você não tinha que fazer isso não. Eu falei: Por que que não?, fui eu que botei fogo, você não tem nada com isso. O que o [.....] está querendo é atrapalhar a situação nossa aí. Ele falou: Eu vou lá na delegacia. Eu falei: Não, não vai não. Abri a porta do carro, falei: pode entrar aí e ir embora para Formiga. Ele foi, voltou, e tal. Então ficou. Eu não sei se pode falar isso aqui, mas eu, por mim não tem problema.

EB: Claro.

CM: Depois que passou o negócio, o padre falou assim: Eu vou ver o que vai fazer. Eu falei: Padre, se eu tiver na cadeia por causa do negócio, a minha menina não vai passar dificuldade não, se passar eu te procuro na hora que eu sair. Ele falou: Não, rapaz, não vai acontecer nada não. E ele foi lá e conversou com o juiz. Ele falou: Eu conversei com o juiz, o juiz falou para você negar tudo aquilo que você falou na polícia. Eu falei: Não, como que eu vou negar uma coisa que eu falei? Eu não posso. Que tipo de homem que eu sou, eu não posso negar não. Eu falei e vou repetir. Ele procurou o juiz e falou para o juiz: Não, o homem é burro mesmo, não vai ter jeito não. Ele falou que não vai negar. Aí ele voltou para mim e falou: não tem importância, o juiz falou que vai mandar um convite para você, uma intimação. Fui lá, conversei com o juiz, nós conversamos uma hora e tanto, ele não tocou no assunto do fogo do carro do [.....]. Isso é justiça, gente? Não, é claro que não. Eu saí livre, o negócio está engavetado lá, o processo. Foi trapaça deles, claro que foi.

EB: Agora, o que que a mulher do senhor achava, do senhor ser do Partido, ela sabia que o Sr. era?

CM: Sabia.

EB: E ela também tinha uma visão política, ou não?

CM: O meu erro foi esse. Ela não tinha nada não. Foi um erro muito grave. Então eu expliquei para ela, antes de casar, eu expliquei o que era, o que que não era, eu falei que o Partido estava acima de tudo para mim, estava acima dela, dos filhos, da mãe e tal. E de fato era, e é, continua sendo. Então nós casamos, vivemos 17 anos, eu fiz um movimento lá em Itaúna, não arrependo desse movimento. Eu fui mandado embora do serviço e não arrumava serviço. Itaúna, Divinópolis, Betim, Contagem, Formiga, nada. Então ela falou comigo: por que você não larga essa merda desse Partido. Não, prefiro largar de você. Não, porque você não pode trabalhar. Eu falei: Mas isso aí não adianta, mesmo se eu largar do Partido não adianta, eles não vão me dar serviço não. E com esse negócio eu fui obrigado a deixar ela.

EB: E quando o Sr. foi para a União Soviética ela ficou aqui com a - o Sr. tem uma filha com ela?

CM: Um casal.

EB: Um casal. O Sr. já tinha os dois filhos quando o Sr. foi?

CM: Já tinha os dois.

EB: Que idade que eles tinham?

CM: Ela tinha 2, e o menino 1. Era 1 e 2.

EB: E a esposa do Sr. fica aqui, e ela vive de que, nessa época que o Sr. está lá?

CM: A minha irmã que estava sustentando ela. E o Partido também. Mas o Partido me ofereceu para levar ela para fazer o curso também, levar ela e os meninos. E a desgraçada não quis ir. Também, não tinha nada na cabeça. É parente desse cara aí. (Risos) Aí, eu fui e voltei.

EB: Mas vocês viveram muitos anos juntos, 17 anos. E sempre foi difícil essa convivência?

CM: Não, não foi não. Foi só quando teve essa crise lá em Itaúna, então eu não tinha condição de trabalhar. Mas eu não estava em dificuldade não. Eu tinha lá umas economias, morava numa casa minha, roça mesmo que eu fiz, não tinha grandes problemas não. Mas ela trabalhava lá e o patrão dela era Marculino, aquele filho da puta do Marculino. Então a mulher do Marculino falou para ela assim: é capaz de você perder o emprego também.

EB: Ela trabalhava com o que?

CM: Numa fábrica de lençol. É capaz de você perder o emprego, porque seu o marido é comunista, todo mundo sabe. Ela chegou lá em casa falando isso. Eu falei: não, você não vai perder o emprego não. Eu saio. Pode ficar aí que eu não vou atrapalhar sua vida não.

EB: E aí vocês separaram?

CM: Isso aí.

EB: Você casou outra vez depois?

CM: Não, uma vez é demais. (Risos). Mas eu acho até, eu falo sempre isso, eu acho que o casamento não é ruim não, o casamento é feito entre duas pessoas. Entrou mais duas atrapalhou. Esse negócio de juiz, de padre, isso aí tá tudo errado. E eu tenho experiência disso aí. Tenho um [...] que tem um amigo lá em Pium-í. Ele é engenheiro, a mulher dele é jovem, engenheira também. Tem dinheiro. Eles viveram casados durante 4 anos. Depois a família de um lado e de outro falou: não, vocês precisam legalizar os papéis. Legalizaram. Já estavam casados. Legalizaram os papéis e em dois meses separaram.

EB: Acabou o casamento.

CM: Se já estava feito, para que estragar um troço tão bonito, não é?

EB: Seu Christovam, com relação ao movimento em Pium-í, você teria mais alguma coisa que você tivesse lembrando para colocar para a gente? Ou da vida do Partido.

CM: Nesse momento eu não lembro.

[- Quando estourou o golpe lá, não houve tentativa de resistência?]

CM: Tentativa de resistência. É outra coisa também que eu tive que conter o pessoal. Porque esse comitê de defesa que foi formado, então, no dia a dia, a gente vai conversando, dialogando, tal e coisa, eles parecem que pegaram qualquer coisa ideológica. Quando o negócio estava preto, todo mundo já estava vendo, estava sentindo, falaram: não, nós vamos resistir. Falei, não, não dá. Não, vamos resistir. Aí tem o problema de Partido. Eu tive aqui, conversei, falei: a turma está querendo resistir. O Partido falou: pode largar e sair fora. Eu falei: não posso fazer isso. Não posso largar. O pessoal acredita em mim, como que eu vou abandonar? Não posso não, gente. Acredita em mim e acredita no Partido. Não posso fazer isso não. Falou: Ah, mas é um suicida. Eu falei: mas não tem importância. Eu não quero, mas se a turma quiser eu vou ficar. Então nós discutimos, discutimos bastante. A turma falou: não, nós vamos, nós temos bastante munição. Falei: gente, não é bastante munição não, nós temos carabina, nós vamos guerrear contra metralhadora, fusível, canhão, avião. Então, não tem condição. E não pensam vocês que eu estou correndo não. Se vocês quiserem eu vou morrer com vocês. Isso não é heroísmo, não, sei lá o que é, é palhaçada, mas eu não podia abandonar eles não. Eu sentia que não podia. Então fui criticado pelo Partido, que eu não podia fazer isso. Não deu em nada, consegui tirar o pessoal da coisa.

EB: E foi aí que o senhor saiu, e ficou esses noventa dias?

CM: Saí.

EB: Pelas redondezas de lá. E essas pessoas, houve prisões lá em Pium-í de trabalhadores?

CM: Não houve prisões. Na época que estávamos movimentando houve prisões de trabalhadores. Mas assim, prendia e soltavam na mesma hora.

EB: Mas aí, com o golpe, o movimento se desfez ou não?

CM: Se desfez.

EB: Totalmente?

CM: Totalmente.

EB: Então não tendo havido nenhuma resistência, ninguém foi preso?

CM: Não, ninguém, não houve prisão.

EB: E depois de 64, as pessoas que se diziam proprietárias daquelas terras conseguiram voltar às relações de trabalho anteriores, ou seja, arrendar terra, exigir a renda da terra?

CM: Não. Não, porque eu continuei lá, até 68, então eu continuava do mesmo jeito. Eu era posseiro, o terreno que eu tinha posse dele era considerado meu, de posse, lógico. Não pagava arrendo, continuava trabalhando. Então, meus vizinhos faziam a mesma coisa.

EB: Mas desses 150 que tinha antes, o senhor calcula que mais ou menos quantos ficaram, depois de 64, ali, e quantos foram embora ou voltaram a arrendar?

CM: Esses 150 que entraram lá de início, muitos vieram para o sindicato. Aqui só uma minoria, pouca coisa, que era cria mesmo da terra, dos senhores feudais, aqueles vão morrer lá mesmo. Aqueles não aceitam ludibriar o patrão não.

EB: E hoje essas terras do pântano estão nas mãos de quem?

CM: Dos fazendeiros.

EB: Eles conseguiram reaver como?

CM: Expulsando o pessoal.

EB: Mas quando foi isso, que eles expulsaram?

CM: Foi depois do golpe de 64, foram jogando o pessoal para fora. A currutela que eu fazia parte foi a última a sair. Chegou lá um pessoal, um delegado e quatro tiras. Então, quando tive notícia daquele pessoal, eles foram lá para me expulsar. Então, eu procurei os companheiros, inclusive lá na nossa currutela tinha dois ex-delegados de polícia. Tinha o [Alcebíades] Rezende e o Euzébio da Costa. E fui de casa em casa e disse: escuta, os homens tão aí, se houver qualquer coisa, joga nas minhas costas, fala que eu resolvo o problema. Se vocês passarem procuração para mim. Procuração pode ser verbal, não tem importância. Está bom. Então a polícia chegou e estou vendo: manda chamar de um em um. Eu estou folgado, porque já tinha conversado com eles. Uma noite eu estou passando assim, o [Alcebíades] Rezende, um dos delegados, sentado assim,

falou assim: é o Christovam nos vendeu. Eu não gostei. Cheguei e falei: como é que é o negócio? Não, o delegado falou que você já fez acordo, que você foi o primeiro a assinar isso, que você fez acordo. Você não viu o que te falei ontem, rapaz?, que deixasse para mim resolver. Eu não fui chamado lá ainda não. Eu não fui chamado. Ah, mas o delegado falou. Mas você foi polícia, rapaz, você sabe o que é essa gente, será que você esqueceu que você já foi safado também? [.....]. Aí deixaram. O [Alcenir] tinha cinco vezes mais terreno do que eu. Ele recebeu quinze contos, quinze mil cruzeiros para sair. Quando chegou minha vez, o delegado falou: escuta, você, vamos fazer um acordo. Eu falei: depende. Ele disse: quanto você quer para sair de lá? Eu falei: nada, vou ficar lá mesmo. Ele falou: não rapaz, os outros já saíram, nós fizemos acordo aqui. Eu falei: tudo bem, fizeram acordo, saíram. Tá tudo certo. Então, quanto você quer por aquilo? Aí ele já não falou acordo - quanto você quer por aquilo. Ah, doutor, um milhão e duzentos. Ele pensou, arranhou a garganta, falou assim: você está vendendo a fazenda? Eu disse, eu não queria vender não, mas estou vendendo porque eles já me abandonaram, estou sozinho. Que fazenda você está querendo vender? Eu falei: essa que o senhor está querendo me comprar. É um milhão e duzentos. Ele me ofereceu duzentos. Eu falei, não. Ele me ameaçou, falou que mandava me descer, mandava me espancar. Eu falei: já estou acostumado, isso não tem importância. Eles ficaram uma semana lá. No dia seguinte eles aumentaram a oferta para quatrocentos. Seiscentos, oitocentos, chega nos mil. Eu falei, não. Chegou numa sexta-feira ele falou assim: olha, o Tinho tem documentos aqui. Eu falei: então, doutor, nós estamos perdendo tempo. Se ele tem a escritura que o senhor falou, basta o senhor me mostrar a escritura, eu não quero nada não. Estou saindo de lá. Se ele tem a escritura, entrei lá de atrevido, peço desculpas, estou saindo. Amanhã você vem aqui que eu vou te mostrar. Da quinta para a sexta. Eu cheguei lá e ele me mostrou a escritura de fato. Novinha, passada à noite. Isso aí está muito nova essa escritura, não tem procedência. Quanto você quer por aquilo lá? Eu falei, mil e duzentos, um milhão e duzentos. Amanhã você volta aqui às 9 horas. Nove horas da manhã cheguei lá, num sábado, mandou eu assinar lá 8 folhas de papel. Posso ler? Ele falou assim, se não for demorar, pode. Eu falei assim: então não vou assinar porque, uma, eu sou meio analfabeto, eu leio meio devagar. E sem ler eu não vou assinar. Pode ler. Aí sentei, li, peguei a caneta. Não vai assinar? Eu não estou vendo o dinheiro. O rapaz abriu a gaveta, tirou o dinheiro, fui contando. Mas era muito dinheiro. Botei no bolso da camisa, no bolso da calça, amarrei a fralda da camisa aqui, botei aqui assim e depois assinei. O

delegado falou: agora você não passa lá naquele pântano nem a passeio. Eu disse: por quê? Não existe lei que me proíbe isso não. Você assinou aí. Uma transação de negócios é feita em cartório, não em delegacia com porta fechada. Ele falou assim: você quer falar que houve coação? Eu disse: o senhor é que está falando. É claro que era, não é? Aí, antes dele ficar nervoso, falei: mais alguma coisa? Não. Peguei fui embora. E eles tentaram me tomar o dinheiro. Cheguei lá em casa, enterrei o dinheiro, falei com a mulher, estou saindo. Para onde você vai? Não interessa para onde eu vou. Fiquei quatro dias fora. Quando eu voltei eles tinham ido lá em casa diversas vezes me procurando. Não tinha nada, já tinha assinado recibo para eles, já estava com o dinheiro. Eles queriam me tomar o dinheiro.

EB: Quer dizer que aos poucos eles foram, depois de 64, fazendo acordos com as pessoas que ficaram. Teve o caso do senhor que vendeu.

CM: É, eu vendi minha propriedade.

EB: Mesmo o senhor não tendo nenhuma escritura, houve uma venda aí. E com isso eles conseguiram desbaratar todo o movimento dos pantaneiros de lá. //E depois...//

CM: //Eles só compraram// da nossa currutela ali. O resto eles puseram para fora.

EB: Usando as mesmas formas que usavam antes: jagunços, ameaças?

CM: As mesmas formas.

EB: Agora, essas terras hoje estão nas mãos deles, e esses trabalhadores foram para onde? Nesses anos todos.

CM: Lá existe o tal de café, que é uma desgraça tremenda. Então são trabalhadores eventuais, bóia-fria, então, na época do café, eles desdobram, tá certo? E o resto do ano eles ficam fazendo uma [...], negocinho com um, com outro, para vegetar, porque viver não tem condição.

EB: Seu Christovam, ainda tem pessoas lá, daquela época, que participou do movimento? O senhor acha que se a gente convidasse para entrevista elas dariam?

CM: O vice-presidente do sindicato, que é o David Roque, eu nunca mais encontrei com ele. Sei que ele está em Pium-í. Ele estava doidinho para saber onde eu estava escondido para ficar bem com os outros, para me entregar. Mas eu não tenho raiva dele não. Me

disseram que ele está doente, ele é coveiro, ele tem dificuldade para falar, andar. Como que chama aquela doença que faz isso: [.....]? Não sei não.

EB: Agora, outros, mesmo que não tenham sido da diretoria, que eram, que tinham famílias lá, que estavam no pântano, estariam lá ainda hoje? O senhor acha que...

CM: A gente tem que ver. Muitos morreram, outros mudaram. Que tem, tem.

EB: Você acha que se a gente fizer uma forcinha, procurar, tentar localizar alguns deles?

CM: Eu mesmo vou ver.

EB: Para a gente conseguir mais. Porque a gente tem a fala do senhor, a lembrança do senhor que estava na direção do movimento. E a gente queria dizer alguém que não participou da direção do movimento, o próprio entendimento que tenha tido do movimento e tudo.

CM: Até melhor. Nós vamos ver.

EB: Ver algumas pessoas, mesmo que a gente tenha que ir lá, se a pessoa não quiser vir a Belo Horizonte, como o senhor teve essa boa vontade.

FIM DO LADO B DA FITA 3

- A**
- AP, 10, 11
arroz, 2
assistência, 13, 14
- B**
- Belo Horizonte, 1, 3, 4, 5, 9
- C**
- camponeses, 13
casamento, 19, 20
Cavaleiro da Esperança, 7
Cidade Industrial, 6
comunista, 6, 8, 15, 19
CONTAG, 14
CPOR, 3, 4
curso, 5
- D**
- depoimentos, 3, 4
- E**
- exército, 2
- F**
- FETAEMG, 8, 9, 10, 11, 12, 14
- G**
- Golpe de 64, 2, 4, 20, 21
- J**
- jagunço, 15
Jango, 15
- jornal Terra Livre, 8, 9
- O**
- oligarquia, 17
- P**
- padre Lage, 3, 9, 10, 11
pântano, 4, 5, 14, 21, 23, 24
Partido, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 20
Partido Comunista Americano, 7
Pium-í, 2, 4, 5, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 20, 24
policiais, 2
Prestes, 7
- R**
- resistência, 20, 21
- S**
- salvo contudo, 3
sindicato, 2, 4, 9, 12, 13, 14, 16, 21, 24
- T**
- terra, 14, 21
trabalhadores rurais assalariados, 13
trabalho, 6
Triângulo Mineiro, 2
- U**
- União Soviética, 5, 6, 7, 8, 19